

Universidade Federal de Campina Grande

Centro de Formação de Professores

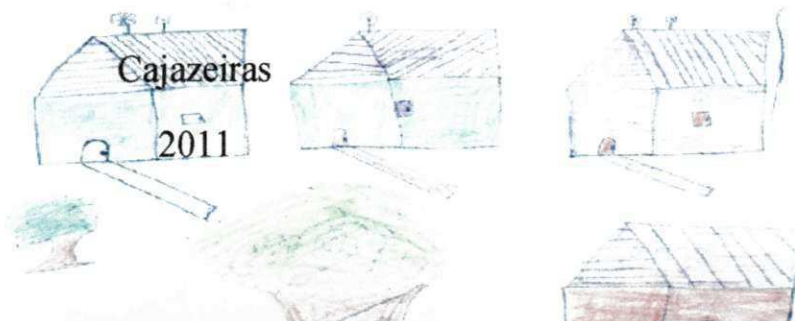
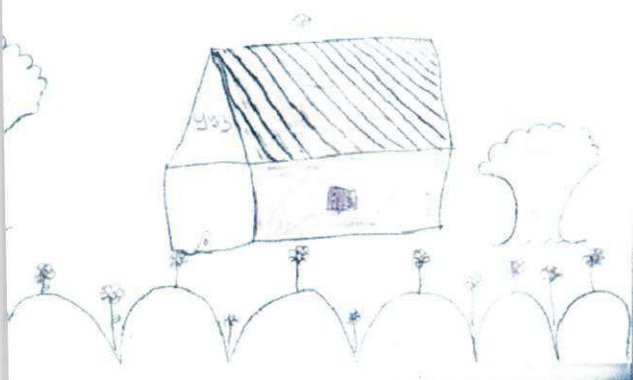
Unidade Acadêmica de Ciências Sociais

Curso de Licenciatura em Geografia

Simone Meneses de Andrade



As Representações do Espaço Geográfico de Crianças Ciganas da
Cidade de Sousa-PB.



Simone Meneses de Andrade

As Representações do Espaço Geográfico de Crianças Ciganas da Cidade de Sousa-PB.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial
para a obtenção do título de Licenciada em Geografia, pelo curso de
Geografia da Universidade Federal de Campina Grande.

Orientadora: Maria Luiza Schwarz.

Cajazeiras

2011



A553r Andrade, Simone Meneses de.
As representações do espaço geográfico de crianças ciganas da cidade de Sousa-PB / Simone Meneses de Andrade.- Cajazeiras, 2011.
53p. il. e color.

Monografia (Licenciatura em geografia) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2011.
Contem Bibliografia e Anexos.

1. Assentamento-crianças ciganas -Sousa Paraiba 2. Espaço geográfico-crianças ciganas. 3. Geografia humana. I. Schwarz, Maria Luiza. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 911.37-053.2(=214.58) (813.3)

SIMONE MENESES DE ANDRADE
AS REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO GEOGRÁFICO DE CRIANÇAS
CIGANAS DA CIDADE DE SOUSA-PB.

Monografia apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de Licenciada, em Geografia, a comissão julgadora da Universidade Federal de Campina Grande.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Luiza Schwarz (Orientadora)
Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Josenilton Patrício Rocha
Universidade Federal de Campina Grande

Prof.^a Ms. Luciana Medeiros de Araújo
Universidade Federal de Campina Grande

A meu pai (in memoriam) meu exemplo de vida e determinação...

A meu esposo companheiro de todas as horas...

A minha família, minha base e fortaleza...

Aos meus amigos, pessoas inesquecíveis...

AGRADECIMENTOS

Muitos merecem meus agradecimentos por todo apoio e palavras de incentivo no transcorrer desse processo de pesquisa.

Dessa forma, agradeço primeiramente a Deus pela saúde e discernimento concedidos durante os meses de pesquisa.

Em segundo lugar aos meus pais José (in memorian) e Fátima por terem me educado e mostrado o caminho certo para seguir na vida.

Aos meus irmãos Ricardo, Janaina e Simony pela torcida para que tudo desse certo.

Ao meu esposo Flaviano, por compreender minha ausência mesmo quando eu estava presente ao passar horas no computador, como também pelos passeios que deixamos de realizar em virtude da pesquisa.

Aos meus amigos e principalmente amigas, pelas palavras de incentivo nas horas difíceis e por me escutarem quando necessitava conversar com alguém.

Agradeço também aos professores do curso de geografia da UFCG pelos ensinamentos que constituíram um aprendizado para a minha vida docente, como também, por sempre terem acreditado em minha capacidade enquanto estudante.

A Maria Luiza, minha orientadora, pela paciência e correções realizadas.

A diretora da escola Celso Mariz pela ajuda e espaço cedido para a realização da atividade de desenhos com as crianças.

As comunidades ciganas, principalmente as crianças, que me acolheram muito bem, contribuindo e sendo decisivos para a concretização dessa pesquisa.

Todo ser humano possui uma necessidade vital de obter e de pertencer a um determinado espaço. Esta utilização poderá vir acompanhada de sentimentos voluntários e involuntários de apropriação e de apego. Geralmente este sentimento existe devido á familiaridade para com o local, surgindo os valores para com o espaço [...]

RESUMO

A presente pesquisa apresenta as representações do espaço geográfico de crianças ciganas da cidade de Sousa-PB. Com o auxílio de desenhos buscou-se conhecer como meninas e meninos vêem seu espaço, se a cultura cigana e os valores dos ancestrais nômades são fatores que influenciam em suas representações, se as mesmas diferem em relação ao gênero e qual o significado desse espaço. Para tanto, os elementos dos desenhos foram agrupados em temáticas, essas foram analisadas e serviram de subsídio para compreendermos os valores contidos no espaço das crianças ciganas, ficando evidente a influência da vida fixa na cidade e os valores pessoais de cada participante, além da individualidade e coletividade expressas como significados do espaço. Em nenhum momento os aspectos culturais ciganos foram representados. Isso denota a evidente perda cultural da nova geração de ciganos sedentarizados, sendo necessárias possíveis intervenções, para que, esse fato seja revertido e a cultura cigana preservada.

Palavras chave: Representações, espaço geográfico, crianças ciganas, cultura, desenhos.

ABSTRACT

This research presents the representations of geographic space of Roma Children in the city of Sousa-PB. With the aid of drawings sought to know how girls and boys see their space, if the gypsy culture and the values of the nomadic ancestors are factors that influence their representations, if they differ in relation to gender and age and what meaning this space. From both the elements of the drawings were grouped into themes, these were analyzed and provided subsidies to understand the values and meaning contained in the space of Roma children, became evident the influence of life in the city and the fixed personal values of each participant, beyond individuality and collectivity expressed as means of space. As well a culture aspect representation. This denotes the evident loss of cultural sedentarized new generation of Roma, and possible interventions needed, so that this fact gypsy culture is preserved and reversed.

Keywords: Representations, geographical space, Roma children, culture, design.

LISTA DE DESENHOS

DESENHO 1.1- Apresenta elementos naturais e humanos em harmonia (Menina)	43
DESENHO 1.2- Apresenta mais elementos humanos (Menino)	43
DESENHO 1.3- Espaço que representa a individualidade (menina)	44
DESENHO 1.4- Espaço que representa a coletividade (menina)	44

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1. 1- Localização da cidade de Sousa no Estado da Paraíba	29
FIGURA 1. 2- Localização das comunidades cigana	30

LISTA DE FOTOS

FOTO 1.1- Uma cigana legítima com suas filhas, frutos de um casamento com um homem não-cigano	16
FOTO 1.2- Espaço onde vive a comunidade cigana	18
FOTO 1.3- Moradias na comunidade cigana	18
FOTO 1.4- Centro Calon de Desenvolvimento Integral (CCDI)	19
FOTO 1.5- Entrada da escola Celso Mariz em Sousa-PB	32

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1.1- Os elementos representados	35
GRÁFICO 1.2- Elementos representados segundo o gênero	36
GRÁFICO 1.3- Elementos naturais e humanizados	37
GRÁFICO 1.4- Elementos naturais e humanizados segundo o gênero	38
GRÁFICO 1.5- Temáticas que surgiram através dos desenhos	39

LISTA DE TABELAS

TABELA 1. 1- População Cigana de Sousa – PB	31
TABELA 1. 2- População Cigana por Faixa-etária	31
TABELA 1.3- População cigana distribuída por sexo	32

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 CAPÍTULO I: A ORIGEM E PARTICULARIDADES CIGANAS	14
2.1 A vida cigana sedentarizada	16
2.2 Problemática da pesquisa	20
2.3 Abordagem da pesquisa	21
2.4 Objetivos da pesquisa	22
3 CAPÍTULO II: REFERENCIAL TEÓRICO	23
3.1 O processo de representação na geografia	23
3.2 A teoria das representações no âmbito social	24
3.4 O espaço geográfico e a representação	25
3.5 A utilização dos desenhos nas representações	26
3.6 Os valores e o espaço representado	27
4 CAPÍTULO III: QUADRO METODOLÓGICO	29
4.1 Localização geográfica da cidade estudada	29
4.2 Procedimentos metodológicos	32
4.3 Procedimentos de classificação e estatísticos	33
5 CAPÍTULO IV: CONHECENDO AS REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO GEOGRÁFICO DAS CRIANÇAS CIGANAS ATRAVÉS DOS DESENHOS: RESULTADOS E DISCUSSÕES	35
5.1 Elementos representados	35
5.2 Elementos representados segundo o gênero	36
5.3 Elementos naturais e humanizados	37
5.4 Elementos naturais e humanizados segundo o gênero	37
5.5 Temáticas representadas e as diferenças segundo o gênero	39
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
8 ANEXO	52
8.1 Anexo A- Termo de consentimento	53

INTRODUÇÃO

A Geografia considera o espaço geográfico a principal categoria de estudo geográfica. Nele podem ser encontradas todas as demais categorias, além de ser resultado da interação entre natureza e sociedade. Cada pessoa carrega consigo valores, sentimentos e diferentes percepções referentes ao espaço que habita, ficando tudo isso armazenado em sua memória, como se fosse um banco de dados sobre toda sua vida, ajudando-a na orientação e compreensão desse espaço. Todas essas imagens e recordações são chamadas de representações mentais que, inclusive, podem ser gráficas. Nesta perspectiva, a presente pesquisa retrata as representações do espaço geográfico de crianças ciganas da cidade de Sousa-PB.

Com essa pesquisa objetiva-se conhecer como as crianças ciganas representam o espaço onde vivem e quais os valores e os fatores que mais influenciam em suas representações, além do significado que lhe é atribuído. Para tanto, acredita-se que a cultura cigana, assim como os valores individuais sejam variáveis determinantes em suas representações.

A comunidade cigana, antes nômade hoje sedentarizada, reside na periferia da cidade de Sousa há 41 anos e pouco se sabe ou conhece do seu espaço. Entretanto, se ouve muitas reivindicações de melhoria para o local onde moram e sobre sua cultura que é seu grande orgulho. Apesar disso, poucos trabalhos de pesquisa foram realizados com os ciganos e os poucos que foram feitos tiveram um enfoque sociológico como MOONEM (1993) sobre a cultura e história cigana e GOLDFARB (2004) sobre a discriminação para com os mesmos, além de outros trabalhos não tão conhecidos.

Diante disso, decidiu-se através da geografia procurar entender como vêm e percebem seu espaço, a partir de sua condição atual de sedentarizados, enfocando as representações das crianças ciganas, pois, elas muitas vezes são esquecidas e suas vozes silenciadas em pesquisas científicas. Na realidade, elas são mais espontâneas, detalhistas e desprovidas de “máscaras”, o que facilita e corrobora na veracidade dos dados coletados, além de serem a geração mais recente sedentarizada em Sousa.

Considerando as crianças como sujeitos da pesquisa, decidiu-se trabalhar as representações através de desenhos, um método que elas gostam muito e expressam toda sua criatividade. Na oportunidade, também foi usado o método comparativo entre os gêneros dos

participantes para compreender se essa variável interfere de maneira significativa nos diferentes aspectos das representações.

Os desenhos forneceram dados qualitativos que puderam ser quantificados. Para tanto, os elementos dos desenhos foram divididos em temáticas e agrupados em tópicos para uma melhor análise e compreensão.

A pesquisa esta estruturada em quatro capítulos. O primeiro capítulo retrata a história e origem ciganas além de suas características peculiares, a sua condição atual de sedentarizados na cidade de Sousa-PB e os eventuais motivos, com uma abordagem sobre a pesquisa, sua problemática e seus objetivos.

O segundo capítulo aborda o referencial teórico utilizado para a pesquisa, contendo toda a parte conceitual necessária ao bom entendimento da temática discutida ,assim como, a história da teoria da representação, sua utilização pela geografia, os valores atribuídos ao espaço geográfico vivido e os desenhos como um importante método de representação.

O terceiro capítulo faz referência ao quadro metodológico com uma descrição detalhada de todo procedimento metodológico utilizado na pesquisa,assim como a delimitação da área , objeto de estudo, com suas principais características.

O quarto capítulo apresenta os resultados e a discussão referentes à análise das representações do espaço geográfico das crianças ciganas através dos desenhos.

Por conseguinte, acredita-se que essa pesquisa seja relevante tanto para a geografia quanto para a sociedade sousense, pois, através dela o espaço cigano, assim como os mesmos, serão conhecidos e compreendidos sob a óptica das crianças, essa nova geração de cidadãos, referente à sua condição atual de sedentarizados. Desta forma, conhecendo esse espaço as possíveis intervenções públicas poderão ser realizadas e tal espaço, assim como, seu povo poderão ser respeitados.

1. CAPÍTULO I: A ORIGEM E PARTICULARIDADES CIGANAS

Certo dia um rapaz cigano relatou que ser cigano é ser livre. Essa afirmação talvez esteja baseada no passado de seus descendentes, pela vida nômade que levavam e alguns ainda praticam, uma característica marcante desse povo conhecido como “grupos étnicos”, pois, segundo Weber (2004, apud SILVA 2009, p. 5-6):

[...] chamamos de “grupos étnicos” aqueles grupos humanos, que em virtude de semelhanças nos hábitos externo ou nos costumes, ou em ambos, ou em virtude de lembranças de colonização e migração, nutrem a crença subjetiva na procedência comum, de tal modo que esta se torna importante para a propagação de relações comunitárias, sendo indiferente se existe ou não uma comunidade de sangue efetiva.

Nesta lógica, parte-se do pressuposto que ser cigano é estar unido por todas essas características que remetem aos costumes, crenças, hábitos, mesmo que às vezes os laços sanguíneos não existam, mas persista em suas almas uma vida cigana.

Quanto à origem dos ciganos pouco se sabe, pois não existem muitos documentos sobre sua história, fato esse que se explica em função do seu dialeto que é ágrafo, ou seja, sem escrita. No entanto, acredita-se que sejam oriundos da Índia e em decorrência de suas andanças tenham chegado a Europa á cerca de 1.000 anos atrás, passando pela Pérsia, Bálcãs (Grécia, Albânia, Bulgária, Romênia), chegando a Europa Ocidental (Portugal e Espanha) no início do século XV. Como salienta Moonem (1993, p. 3) os ciganos dividem-se em três grupos:

(1) Os ROM ou Roma, que falam a língua romani, (2) os SINTI ou Manouch de língua sinto, e (3) os KALÉ ou Calon que falam a língua Kaló. Cada um destes grupos é dividido em vários sub-grupos, cada sub-grupo em comunidades familiares e estas, por sua vez, em famílias, a unidade social mais importante no organização social cigana.

Atualmente existem ciganos dos três grupos espalhados por todo mundo, como França, Holanda, etc. Entretanto, não se sabe ao todo quantos são, já que, os censos demográficos não contemplam a questão da etnia cigana.

No final do século XVI os ciganos chegaram ao Brasil como degredados de Portugal. Um documento antigo retrata um pouco sobre a chegada da primeira família cigana em terras brasileiras e o eventual motivo, como descreve Nilson (2009, p.2-3):

[...] figura que aqui aportara com mulher e filhos em um alvará de D. Sebastião, de 1574, que troca a pena de galés de João Torres pelo exílio. Acredita-se que os ciganos começaram a vir para o Brasil nos séculos XVI, XVII e XVIII. Os primeiros

eram degredados para Bahia e Minas Gerais (Congonhas do Campo) foram os primeiros centros de concentração, ao tempo da colônia. Em 1718 chegam à Bahia as primeiras famílias ciganas. O Senado da Câmara deu-lhe para morada um trecho da Freguesia de Santa Ana, perto de Palma, que passou a ser conhecida como Santo Antônio de Mouraria. Da antiga ocupação, não há atualmente nenhum vestígio, nem mesmo em outros pontos da cidade do Salvador.

Entre os séculos XVI e XIX vieram para o Brasil vários ciganos do grupo Calon e Rom, que assim como João Torres foram deportados ou fugiram da Inquisição. Atualmente não se sabe o número exato de ciganos que habitam em terras brasileiras e nem sua localização geográfica. No entanto, relatos e pesquisas informam que na região Nordeste, no Estado do Ceará na cidade de Limoeiro do Norte (SILVA, 2009) e no Estado da Paraíba nas cidades de Patos, Sousa e Marizópolis (GOLDFARB, 2004), existem comunidades ciganas do grupo Calon. Essas comunidades ciganas são formadas por famílias e cada uma possui um líder para reivindicar seus direitos e comunicar-se com as demais pessoas da sociedade. Quanto ao nomadismo, uma vida de viagens sem paradas em busca do sustento diário, sendo considerada uma das maiores características cigana, os ciganos de Sousa não mais a possuem, como afirma Goldfarb (2004, p.32):

O grupo A sedentarizou-se na cidade em 1982 e os grupos B e C em 1986. A sedentarização e a criação de uma "comunidade cigana" baseou-se na articulação de alianças entre líderes e um poder paternalista, com atitudes assistenciais assegurados por políticos locais, desenvolvendo assim formas de fixação e estratégias de poder. As áreas onde se localizam os grupos foram parcialmente doadas por tais políticos, embora quase ninguém possuía documentação correspondente.

Desta forma, a cidade de Sousa não foi escolhida por eles para residirem de forma aleatória. Segundo relatos, Antônio Mariz ex-governador e prefeito da cidade em 1982, sempre foi muito receptivo com os ciganos, oferecendo-lhes posteriormente terras para morarem definitivamente em troca de votos. Os ciganos o tinham como um amigo, que respeitava e defendia seu povo. Desta forma, a cidade de Sousa foi tornando-se local de parada para muitos ciganos.

Diante de tal receptividade, muitos decidiram deixar a vida nômade e residir definitivamente em Sousa. Isso só foi possível graças às doações de terras por Mariz em parceria com a prefeitura municipal e o governo do Estado. Por isso, para muitos ciganos Mariz até hoje é lembrado como um modelo político a ser seguido e respeitado.

Ao andar pelas ruas da cidade facilmente se reconhece um cigano, pois, são pessoas de características marcantes como uma pele morena, cabelos pretos, olhos acentuados e até mesmo um jeito de andar diferenciado. Alguns se diferem dos demais em alguns aspectos por não serem filhos de um casal cigano legítimo, tendo algumas dessas características modificadas como mostra a Foto 1.1



Foto 1.1: Uma cigana legítima com suas filhas, frutos de um casamento com um homem não-cigano
Fonte: Carlos Juliano Barros (1992)

1.1 A vida cigana sedentarizada

Muitos autores defendem a utilização do termo sedentarizados ao invés de sedentários quando se fala nos ciganos, pois segundo Liégeois (1998, p.52):

[...] assim como os sedentários, ainda que estes viagem, não deixam de ser sedentários, também os ciganos, ainda que não viajem, não deixam de ser nômades. Por isso é preferível falar de ciganos *sedentarizados* do que *sedentários*, já que o primeiro termo indica uma etapa provisória para pessoas cujo movimento continua sendo importante. O nomadismo é mais um estado de espírito do que um estado de fato [...]

Desta forma, utilizou-se na pesquisa o termo sedentarizados ao se falar da situação atual dos ciganos de Sousa em concordância com a citação acima, pois os ciganos de Sousa embora fixos na cidade há 41 anos guardam consigo recordações de seu tempo nômade. São ciganos que não se deslocam mais de cidades em cidades, mas que em seus espíritos e mentes ainda continuam nômades em companhia de seus pensamentos.

No que diz respeito à economia, hoje os ciganos sedentarizados em Sousa vivem basicamente do comércio de objetos como rádio, relógio, celular, entre outros, como também das aposentadorias. Já algumas mulheres ainda praticam pelas ruas da cidade a quiromancia (leitura das mãos) e fazem orações para proteção dos doentes em troca de dinheiro. Outras por sua vez, batem de porta em porta pedindo alguma “esmola”.

Por esse contexto muitos ciganos são discriminados e rotulados pela população de preguiçosos, sujos e ladrões. Talvez esses estigmas sejam atribuídos pela diferença cultural. Desta forma, muitos encontram dificuldades para conseguir um trabalho assalariado, seja por discriminação, pelo baixo nível de escolaridade ou pela falta de qualificação profissional. Diante disso, muitos recorrem aos políticos em busca de trabalho, em troca de votos, na maioria das vezes uma vaga de vigia noturno.

Os ciganos vivem em “ranchos”, nos quais atualmente, a maioria das casas é de alvenaria existindo poucas casas de taipa (ver fotos 1.2 e 1.3). Possuem nesse espaço energia elétrica e água encanada. Entretanto, não possuem saneamento básico, os esgotos ficam a céu aberto representando uma ameaça à vida dos moradores e principalmente das crianças que brincam próximas a esses locais. Por isso e muito mais, muitos ciganos se queixam de serem esquecidos pelas autoridades públicas e reivindicam melhorias para seu bairro, defendendo seus direitos de cidadãos.

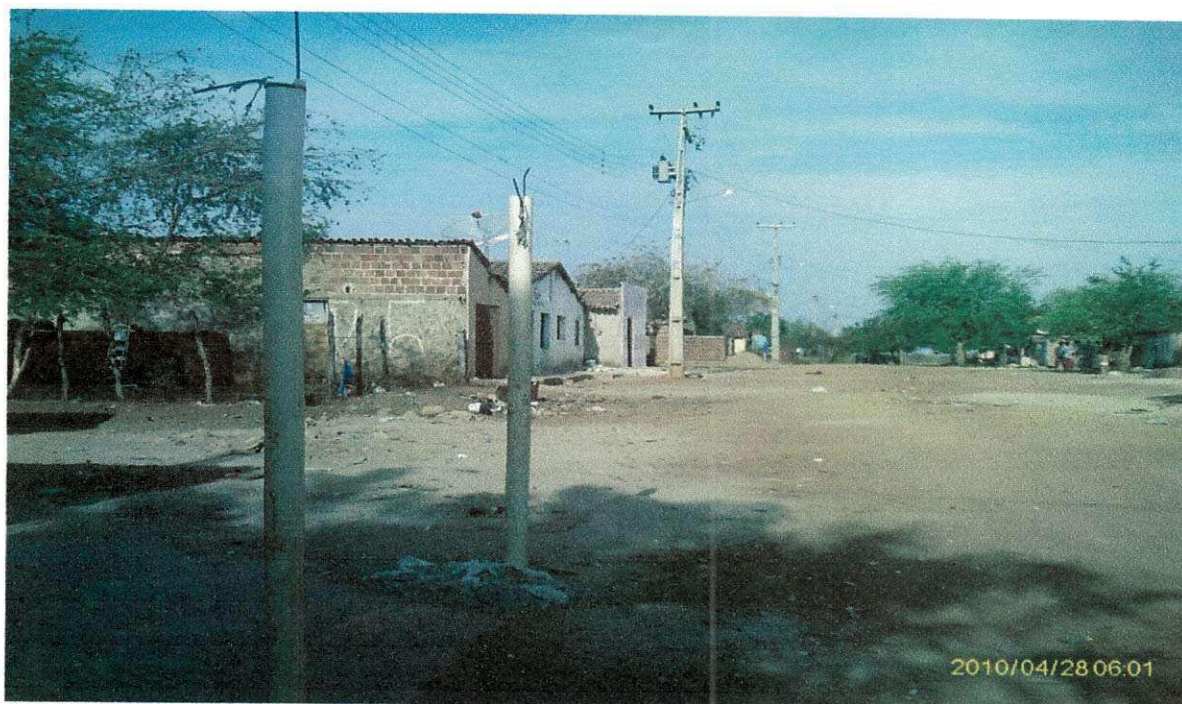


Foto 1.2: Espaço onde vive a comunidade cigana - Sousa/PB.

Fonte: Simone Meneses, 2011.

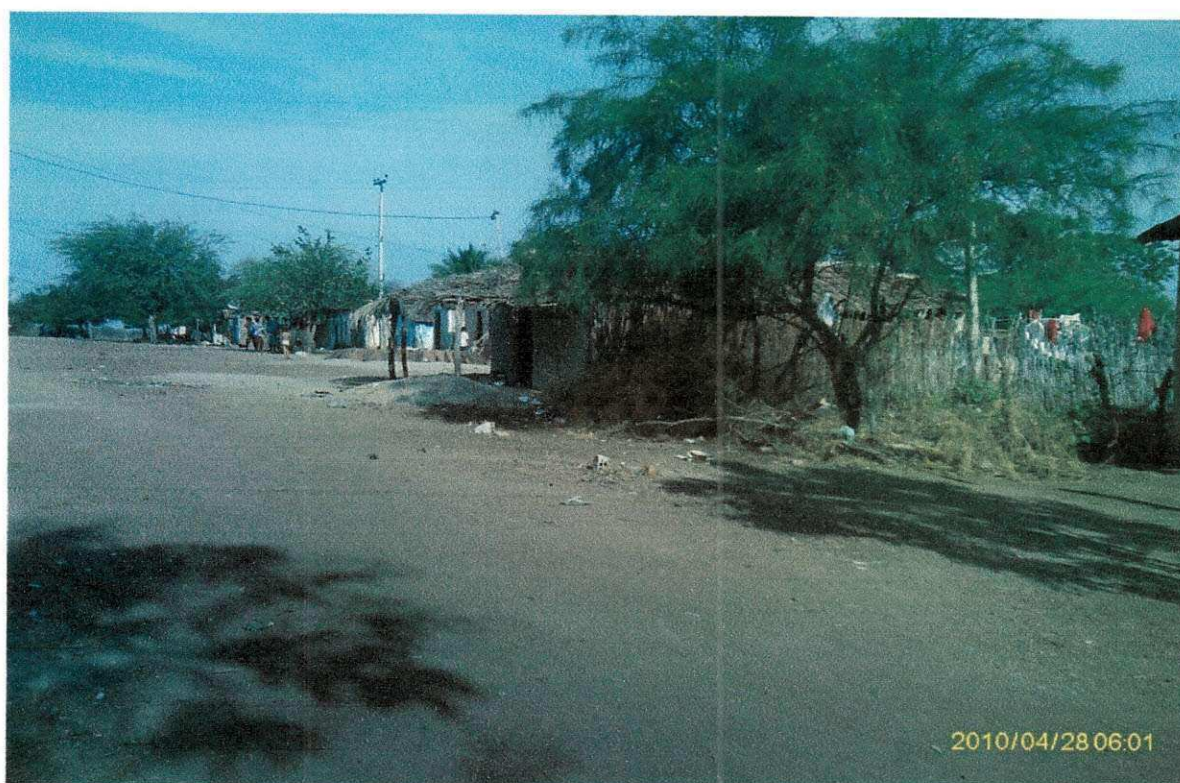


Foto 1.3. Moradias na comunidade cigana - Sousa/PB.

Fonte: Simone Meneses, 2011.

Após algumas reivindicações os ciganos ganharam no ano passado o Centro Calon de Desenvolvimento Integral (CCDI), resultante de uma parceria entre a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir) vinculada a Presidência da República e ao Ministério da Cultura (Minc), com o intuito de fortalecer a cultura e os laços ciganos, não deixando suas tradições se extinguir. Esse espaço serve para fazer atividades entre a comunidade como comemorações, reuniões, atividades com as crianças e aulas semanais com jovens e adultos.



Foto 1.4: Centro Calon de Desenvolvimento Integral (CCDI) - Sousa/PB.
Fonte: Simone Meneses, 2011.

Com o passar dos anos muito da sua identidade cultural vêm sendo perdida, pois, a maioria dos jovens ciganos não se importa em perpetuar sua cultura, seja através das danças ou da própria língua cigana, a caló. Mesmo assim, os ciganos mais velhos continuam promovendo a importância de sua cultura e principalmente de sua língua, tão utilizada para falarem uns com os outros, para que o “juron” (alguém que não é cigano na língua deles) não entenda o que falam e nem desvendem seus segredos.

Esse universo cigano despertou o interesse de diversos pesquisadores pelo mundo inteiro. O primeiro a escrever sobre os ciganos fazendo ênfase de um discurso científico através do método da representação foi o filósofo, lingüista e historiador alemão Heinrich

Grellmann (1753-1804) que em 1783 escreveu *Die Zigeuner* (Os ciganos) um best seller que foi traduzido em várias línguas com uma abordagem das principais teorias sobre a vida cigana. Sua grande contribuição foi a descoberta da descendência cigana, de origem indiana, teoria essa confirmada pela a língua que falam, seus costumes, caráter, cor, etc.

Posteriormente, George Borrow (1803-1881) tradutor e bibliotecário inglês, também escreveu sobre os ciganos enfatizando em seu trabalho sobre os estereótipos que eram atribuídos aos ciganos e que permanecem até hoje.

A partir de então outras pesquisas foram realizadas por diversos autores como LIÉGEOIS (1998); BORDIEU (2003); PIASERE PAMPIGOTO (1990); PIERONI (1993). A representação da identidade cigana é explorada nos trabalhos de FAZITO (2008); SILVA (2009); BONOMO (2007) e RODRIGUES (2009). Sua história e cultura são contempladas nos trabalhos de MOONEN (1993; 1996 e 2008); TEIXEIRA (1998) e BORTOLINI (2011). Já as representações sociais são abordadas nas pesquisas de GOLDFARB (2004) e MENDES (2008).

1.2 Problemática da Pesquisa

A comunidade cigana de Sousa, inclusive, já foi objeto de estudo para muitas pesquisas, por ser um povo de cultura milenar que sobrevive em meio a uma cidade, assumindo desta forma uma condição de sedentarizados, sendo alvos de estigmas e diferentes interpretações da sociedade, que por não conhecê-los bem os discriminam em pleno século XXI.

Muitos pesquisadores, entretanto, não pararam para refletir também sobre como os ciganos vêem o restante da sociedade, pois, eles também habitam um espaço na cidade ,como se sentem nessa sua condição de moradores permanentes e como percebem o seu espaço a partir dessa nova perspectiva de vida, pois, antes eram nômades e se pode dizer que dessa forma não tinham o seu espaço, não fixavam “raízes” em nenhum lugar, suas percepções resultavam de um turbilhão de experiências e conhecimentos adquiridos em suas andanças. Se no decorrer dos anos houve essas significativas mudanças na vida cigana, se pensa o porquê

de não se trabalhar a vida cigana presente ao invés de continuar pesquisando sobre o seu passado?

Atualmente se pode falar em um espaço cigano, esse por sua vez é dotado de particularidades que desperta além da curiosidade várias indagações, pois os ciganos geralmente não saem muito de sua comunidade, em sua maioria são pessoas introvertidas e detentoras de uma cultura milenar. Apesar da concepção sobre algumas características ciganas não se pode dizer que a sociedade em geral os conhece bem. As representações sociais são suportes úteis e muito interessantes para analisar esta cultura milenar no presente, uma vez que as representações do espaço vivido refletem muito sobre as pessoas que nele habitam, revelando além das interações sociais os valores contidos nesse espaço.

Diante do exposto, atualmente se faz necessário uma abordagem diferenciada, de cunho geográfico sobre esse grupo étnico, desta vez com um enfoque sobre suas próprias representações acerca do espaço que habitam e conseqüentemente seus modos de vida.

Para tanto, decidiu-se trabalhar com as crianças ciganas, haja vista, que é a geração mais recente sedentarizada na cidade e nenhum trabalho científico ainda teve essa proposição, como também pelo fato de as crianças não serem muito ouvidas em nossa sociedade, principalmente as ciganas. Por outro lado, as crianças também são mais espontâneas e sinceras que os adultos, isso certamente é um detalhe importante que contribui positivamente nos resultados da pesquisa. As representações das crianças também revelam o estilo de vida dos adultos, uma vez que são estes últimos que impõem normas e regras para as crianças.

Nesta perspectiva, a presente pesquisa ajudará a sociedade sousesense a conhecer essa pequena parcela de sua população, suas formas de organização espacial, os valores atribuídos ao seu espaço, assim como aos próprios ciganos a se conhecerem melhor, nessa sua atual condição, para que, possíveis intervenções locais sejam realizadas se assim for necessário.

1.3 Abordagem da Pesquisa

Essa pesquisa se situa no campo da Geografia Cognitiva ou das Representações em Geografia, que compreendem as Representações Sociais. Esse é um estudo transdisciplinar, oriundo de fatores cognitivos como lembranças e percepções, também conhecidas como

Representações Mentais podendo inclusive ser abordado pela Psicologia Cognitiva e pela Psicanálise.

No referencial teórico foram utilizados alguns trabalhos realizados na área da Representação, embora que as representações do espaço geográfico cigano através das representações de crianças ainda não tenham sido realizadas no Brasil. Diante disso, a pesquisa tratará de explicar e interpretar as representações do espaço das crianças ciganas, buscando alcançar os objetivos da pesquisa.

1.4 Objetivos da Pesquisa

O objetivo principal desta pesquisa é analisar as representações do espaço geográfico das crianças ciganas da cidade de Sousa-PB, pois se sabe que essas representações são extremamente necessárias para a orientação e para o conhecimento sobre o mesmo, tão importantes numa possível intervenção local. Ao espaço são atribuídos valores e significados que podem ser diferentes em relação ao gênero (menino e menina). Nesta perspectiva, foram formulados os seguintes objetivos específicos:

- Identificar se existem influências da cultura e dos valores da vida cigana ancestral no presente;
- Analisar o significado que as crianças ciganas atribuem ao espaço vivido;
- Verificar se as representações sofrem influência entre os gêneros;

2. CAPÍTULO II: REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O processo de representação na Geografia

A representação é um processo pelo qual o homem consegue expressar sua relação com o mundo através de sua sensibilidade e percepção. Para a geografia esse processo é desencadeado a partir da relação entre percepção e comportamento, gerando o que a geografia do comportamento chama de carta mental. Segundo Schwarz (2007, p.34) a Geografia do comportamento,

[...] tenta explicar os comportamentos espaciais dos indivíduos para a percepção e memorização visual do meio onde vivem, baseados nos trabalhos de Lynch (1960) e nas características do meio nas representações espaciais das cidades. Ele fala da legitimidade, da imaginabilidade das paisagens urbanas.

Podemos afirmar que cada indivíduo através de sua experiência de vida, possui conhecimentos necessários para orientar-se no espaço que habita. Representar mentalmente ou cartograficamente esse espaço auxiliado por esses conhecimentos, o ajuda a obter uma melhor orientação e compreensão de si mesmo e do espaço.

No decorrer dos anos surgiu uma Geografia nomeada por geógrafos americanos de geografia da percepção, para qual, o foco de estudos das representações era a cognição e o comportamento.

Essa Geografia admitia a idéia de que para uma representação concretizar-se seria necessário que antes existisse a percepção. Para Serpa (2005, p.2), as percepções são,

Processos que ocorrem na presença dos objetos percebidos e que resultam em sua imediata apreensão. Para muitos geógrafos, "percepção" é uma noção "guarda-chuva", que abarca percepções, memórias, atitudes e preferências humanas, além de outros fatores psico-sociais que contribuem para algo que seria melhor caracterizado como cognição ambiental.

Com base na percepção, surgiu a Geografia da representação na década de 80, quando a Geografia passou a ser vista como uma ciência social e humanista, na qual, a sociedade e o espaço era o centro de seus estudos.

Segundo Bonim (2004 apud SCHWARZ, 2007, p.37) o termo representações espaciais foi particularmente tratado na introdução da tese de Jean-Paul Guérin em 1984, o qual fez referência às ciências cognitivas como a "criação social de esquemas pertinentes do real".

Posteriormente, vários geógrafos como BAILLY (1985), GUMUCHIAN (1989), DEBARBIEUX (1998), passaram a trabalhar com a Geografia das representações.

Atualmente a Geografia utiliza o método da representação para trabalhar com o espaço. A representação é um processo, um método construído pela sociedade, datado desde a pré-história quando os homens utilizavam-se de meios, símbolos gráficos para se comunicarem uns com os outros. Essa construção surge da criatividade que nos remetem ao espaço representado e sua representação, ligada a experiência de cada ser humano.

O processo de representação também está interligado à consciência coletiva, a qual se credita a compreensão dos conhecimentos cotidianos consolidados a partir da interação e comunicação social. Para Kuhnem (2002, p.54) “a esta comunicação é creditado o papel de mecanismo através do qual se transmite, cria e objetiva a realidade. Entra em jogo aí um processo psicológico que mediatiza a relação indivíduo/meio, processo entendido como essencialmente representativo”.

Neste contexto, a Geografia assume um caráter social, preocupando-se com as pessoas e o meio no qual estão inseridas, ou seja, essa geografia busca conhecer as relações sociais que se apresentam nesse espaço, assim como a interação entre as pessoas e o espaço que habitam. Desta forma, surgem as representações sociais.

2.2 A teoria das representações no âmbito social

Durante muitos anos houve uma distinção entre o individual e o coletivo, que respectivamente compreendiam o indivíduo em si com sua cultura e a sociedade na qual se relacionava. Porém, Dürkeim, teórico da psicologia social, em 1893 corroborou para modificar tal pensamento ao trabalhar em sua tese as representações coletivas. Segundo Alexandre (2004) a teoria de Dürkeim consistia em um grande “guarda-chuva” que abrigava crenças, mitos, imagens e também o idioma, o direito, a religião e as tradições. Através das relações sociais, da interação entre as pessoas e seu espaço, as representações coletivas se concretizam e são conhecidas.

Na realidade, a representação social assim chamada por Moscovici em substituição ao termo coletivo é absorvida através das gerações, as quais se acrescentam as experiências

individuais, portanto, experiências únicas de cada membro da sociedade. Essas lembranças são importantes para a apreensão do espaço e se iniciam na nossa infância, pois como salienta Piaget (1966) ainda quando crianças apreendemos o espaço pelo aspecto “psicossocial” (tudo aquilo que recebemos no seio familiar e cultural), como também, sozinhas através de nossas descobertas que se transformam em conhecimentos.

Ademais, a sociedade impõe e cobra esse processo de socialização, de estar constantemente informado, de possuir a capacidade para discutir assuntos diversos. Essa gama de informações e interações que a sociedade necessita acaba se tornando salutar para cada pessoa tanto para sua formação individual quanto para sua vida social. Essa é uma “bagagem” que se ganha no decorrer da vida, em lugares como a escola, em casa, com a cultura, com os valores e ideologias por cada pessoa absorvidos.

2.3 O espaço geográfico e a representação

Existe uma relação entre o espaço de vida e o espaço vivenciado. Esta relação traduz a passagem da prática concreta e cotidiana do espaço terrestre e sua representação e ao seu imaginário. O espaço de vida se confunde, para cada indivíduo, com a área das práticas espaciais. Ela corresponde ao espaço freqüentado e percorrido por cada um com um mínimo de regularidade. (GUY, 1998 apud SWCHARZ, 2007, p.44)

Cada indivíduo, através de sua experiência de vida, possui conhecimentos necessários para orientar-se no espaço que habita. Segundo Couto (2006) o espaço resulta das interações entre a natureza, suas formas, práticas e suas representações. Representar mentalmente ou cartograficamente esse espaço auxiliado por conhecimentos adquiridos com essas interações, ajuda-o a uma melhor orientação e compreensão de si mesmo e desse espaço.

Cada pessoa percebe o espaço geográfico de uma maneira, pois, a representação esta intimamente interligada as lembranças, recordações da infância, da adolescência e da fase adulta. Assim como descreve Schwarz (2007, p.37) o espaço de representação é “um espaço vivo com ligações culturais, lócus da ação e das situações vivenciadas”. Nesta perspectiva, o que é relevante para uma pessoa, como por exemplo, uma pracinha, pode não ter importância para outra pessoa em virtude de diferentes experiências de vida.

Desta forma, surge à relação entre a representação e a prática espacial, que se configura de acordo com a idade, sexo, deslocamentos, enfim, com a dinâmica espacial que se apresenta.

2.4 A utilização do desenho nas representações

Entende-se por desenho o traço que a criança faz no papel ou qualquer superfície, e também a maneira como a criança concebe seu espaço de jogo com materiais de que dispõem, ou seja, a maneira como organiza as pedras e folhas ao redor do castelo de areia, ou como organiza as panelinhas, os pratos, as colheres na brincadeira de casinha, tornando-se uma possibilidade de conhecer a criança através de uma linguagem: o desenho de seu espaço lúdico. (MOREIRA, 1993, pág.16)

O desenho é muito utilizado pelas crianças para expressarem seus pensamentos, sonhos e sua própria visão da realidade, ajudando-as no seu desenvolvimento integral. Em geral, elas gostam de desenhar e colocam no papel toda sua criatividade, de forma espontânea. Ele representa para a criança a sua visão do mundo e o conhecimento sobre si mesma, dando aos adultos subsídios para a interpretação do seu espaço.

De acordo com Goldberg, Yunes e Freitas (2005 apud SCHWARZ, 2007, p. 371) “mediante o desenho, a criança organiza informações, processa experiências vividas e pensadas, revela seu aprendizado e pode desenvolver um estilo de representação singular do mundo”. Nessa perspectiva, alguns estudos de representação utilizam o desenho ao invés de entrevistas, principalmente com crianças, pois através dos desenhos elas se expressam melhor e revelam coisas que talvez através de entrevistas, por exemplo, não deixassem tão evidentes, alguns detalhes com certeza passariam despercebidos. Segundo Thouez (1981 apud SCHWARZ 2007, p.372):

A parte da geografia que se interessa pela interação criança/meio possui uma preocupação: observar e compreender a reação da criança em resposta ao meio no qual vive, criado pelos homens em função de fins explícitos ou implícitos e onde, infelizmente, ela possui um lugar pequeno.

Desta forma, na busca de uma melhor compreensão dessas questões utilizando os desenhos infantis, muitos trabalhos são baseados em Luquet (1984) que dividiu os desenhos infantis em cinco etapas:

1. Realismo Fortuito: fase de 18 meses a 2 anos, na qual a criança só consegue fazer rabiscos.

2.Realismo Fracassado: fase por volta de 2 anos,na qual a criança após ter identificado um objeto tenta reproduzi-lo mais não obtém êxito.

3.Realismo Simbólico: fase de 3 a 4 anos quando a criança começa a fazer desenhos detalhados,com simples formas.

4.Realismo Intelectual:fase de 10 a 12 anos quando a criança desenha o que sabe e não mais aquilo que vê.

5.Realismo Visual: fase a partir dos 12 anos marcada pelo empobrecimento dos traços gráficos que tende a se agrupar as produções adultas.

O desenho transmite uma informação predeterminada, utilizado pela criança como meio de comunicação mesmo antes dela falar. Ele é a concretização do registro de um objeto através de sua representação como uma imagem. Nesse momento o conhecimento imaginário e o objetivo se inter-relacionam na busca da representação que se deseja havendo esta variação no decorrer das idades.

Desta forma, o desenho constitui uma importante ferramenta para análise e avaliação da visão sobre o espaço geográfico das crianças. Essa representação gráfica possibilita-nos compreender o significado e valores do espaço onde vivem.

2.5 Os valores e o espaço representado

Todo ser humano possui uma necessidade vital de obter e de pertencer a um determinado espaço. Esta utilização poderá vir acompanhada de sentimentos voluntários e involuntários de apropriação e de apego. Geralmente este sentimento existe devido á familiaridade para com o local, surgindo os valores para com o espaço [...] (SANTOS, 2002, p.47)

O estudo das representações possibilita-nos compreender os valores que cada pessoa atribui ao espaço, no qual, esta inserida. São valores transmitidos durante toda sua existência, pela sua família, pela escola, pela sociedade, pela cultura. Segundo Geertz (1973) a cultura são regras, saberes e práticas absorvidas pelas pessoas que definem sua maneira de ser e viver em sociedade.

Nesta perspectiva, toda representação do espaço é dotada de valores e significados. Rokeach (1993) classifica os valores em dois tipos: os valores morais que estão ligados a conduta do indivíduo e ao seu comportamento e os valores de competência que comportam a lógica e a inteligência.

Muitos confundem valores com atitudes, entretanto, são coisas distintas. Os valores estão ligados a motivação, são cognitivos e ajudam o indivíduo a viver em sociedade, enquanto que, as atitudes são espontâneas.

Desta forma, conhecer os valores torna-se imprescindível para entender como as pessoas definem, entendem e se relacionam com o espaço, no qual, a cultura assume um importante papel nesse estudo. Portanto, nenhum estudo sobre representação do espaço será igual a outro, pois, a cultura difere de acordo com a sociedade e tempo histórico. Segundo Corrêa (2003, p.169 a 170) a cultura:

Diz respeito às coisas correntes comuns “culture is ordinary”, apreendidas na vida cotidiana, no seio da família e no ambiente local. Neste contexto, as idéias, habilidades, linguagem, relações em geral, propósitos e significados comuns a um dado grupo social são elaborados e reelaborados a partir da experiência, contatos e descobertas.

Todas essas experiências, contatos e descobertas advindas da cultura corroboram para a representação do espaço e são responsáveis, sobretudo, pelos valores e pelo significado atribuído pelo indivíduo a seu espaço.

Desta forma, no próximo capítulo será apresentado o quadro metodológico, assim como todos os procedimentos adotados para a concretização da pesquisa, que corroboraram para que o espaço geográfico das crianças ciganas fosse conhecido através das representações.

3. CAPÍTULO III: QUADRO METODOLÓGICO

Este capítulo apresenta a metodologia utilizada para a análise das representações do espaço geográfico das crianças ciganas, com uma descrição detalhada de todo o procedimento adotado. Sendo as crianças o público alvo da pesquisa, tornou-se necessário uma metodologia diferente para a abordagem da temática, com o intuito de alcançar os objetivos da pesquisa e para uma melhor interpretação dos dados.

Mediante todo o procedimento metodológico, a pesquisa assume um caráter qualitativo, com dados bastantes particulares da interpretação da realidade, mas que, podem ser quantificáveis para o melhor entendimento das questões levantadas no início deste trabalho.

3.1 Localização geográfica da cidade estudada

A cidade escolhida para a aplicação dos testes foi Sousa (Figura 1.1). O município de Sousa situa-se na mesorregião do Sertão a 420 km da capital João Pessoa. Possui uma população aproximada de 65.807 habitantes distribuídos em seus 842, 275 Km² de área (IBGE, 2010). Sua principal atividade econômica é a indústria, dividida em vários ramos como beneficiamento de coco, de laticínios, de limpeza, etc., seguida do comércio e de serviços. Seu clima é o tropical semiárido caracterizado por altas temperaturas e baixos índices pluviométricos, predominando a vegetação da caatinga.

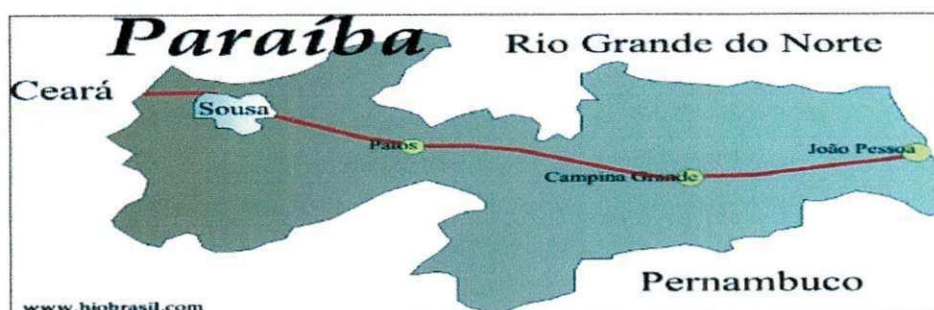


Figura 1. 1: Localização da cidade de Sousa no Estado da Paraíba.

Fonte: www.hjobrasil.com

Na cidade de Sousa existem três comunidades ciganas localizadas na periferia, no bairro Jardim Sorrilândia, às margens da BR 230 no km 463, a 3 km do centro da cidade. Como o IBGE de Sousa não possui estimativas de quantos ciganos residem no local e com o tempo mínimo reservado para essa pesquisa tornou-se inviável a realização de um censo próprio, será utilizado como base o censo mais recente realizado por Maria Patrícia Lopes Goldfarb em sua pesquisa de doutorado em 2004, na qual, afirma que a população cigana em Sousa esta distribuída em três comunidades, as quais serão chamadas de grupos A, B e C (Figura 1.2)

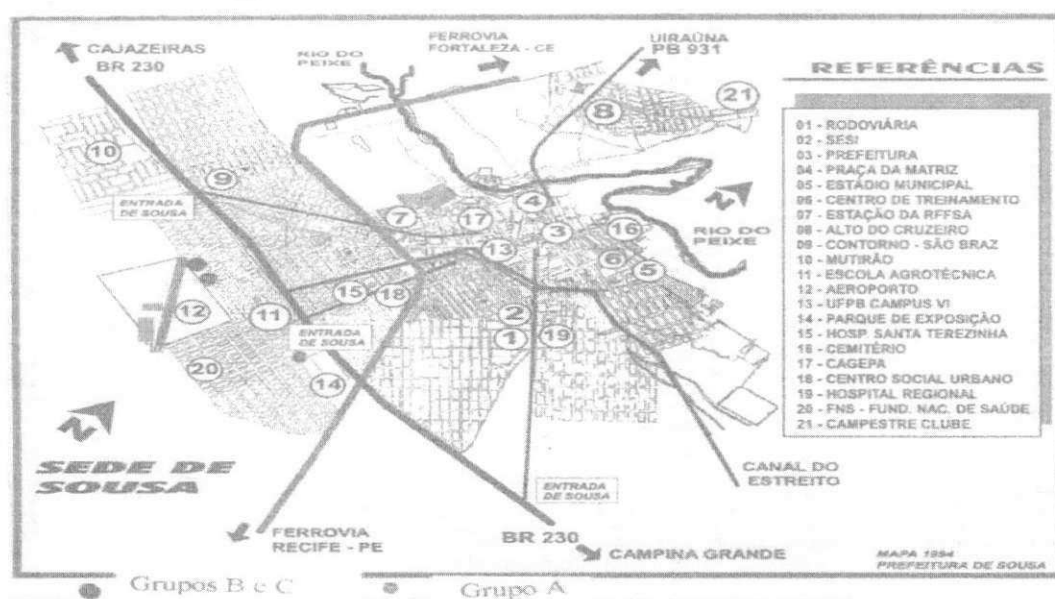


Figura 1. 2: Localização das comunidades cigana

Fonte: Goldfarb (2004)

O grupo A localiza-se ao lado do parque de exposições de animais ficando a 1 km de distância dos grupos B e C localizados nas proximidades do aeroporto da cidade. A população cigana residente nos três grupos ou comunidades, segundo Goldfarb (2004), compreendia 550 pessoas (ver tabela 1.1). Hoje se pode afirmar que esses números se modificaram depois de 7 anos, pois muitas crianças nasceram como também ciganos faleceram, esses fatos apontam indícios de uma mudança significativa na contagem da população cigana.

Tabela 1.1: População Cigana de Sousa – PB

Grupo A	Grupo B	Grupo C	Total
215	185	150	550

Fonte: Pesquisa de Goldfarb (2004)

A tabela 1.2 contempla a população cigana por faixa-etária, residentes nos três grupos. Nota-se um elevado índice de crianças e jovens ciganos resultado da alta taxa de fecundidade das mulheres ciganas e conseqüentemente uma alta taxa de natalidade. Para os ciganos a criança é um ser abençoado, fruto da graça de Deus e por isso a maioria das mulheres ciganas não usam nenhum método contraceptivo para não engravidar. Por outro lado, os idosos com mais de 70 anos estão em menor número, demonstrando uma baixa expectativa de vida dessa população, isso pode ser decorrente de diversos fatores, entre esses, problemas de saúde.

Tabela 1.2: População Cigana por Faixa-etária

De 0 a 10 anos	148
11 a 20	127
21 a 30	106
31 a 40	53
41 a 50	48
51 a 60	25
61 a 70	23
Mais que 70 anos	20
TOTAL	550

Fonte: Pesquisa de Goldfarb (2004)

Na tabela 1.3 observa-se que no grupo A residem mais ciganos, em relação aos demais grupos, sendo esses em sua maioria do sexo masculino. Já os grupos B e C possuem um maior número de mulheres em relação aos homens. Par tanto, não existe uma explicação lógica para esses dados, não se sabe o motivo de uma maior concentração de ciganos em apenas um

grupo ou diferenças de sexos entre os demais, o que existe são apenas dados que servem para uma melhor compreensão da organização espacial cigana.

Tabela 1.3: População cigana distribuída por sexo

	Grupo A	Grupo B	Grupo C	SOMA
Homens	120	83	70	273
Mulheres	95	102	80	277
TOTAL	215	185	150	550

Fonte: Pesquisa de Goldfarb (2004)

3.2 Procedimentos metodológicos

O levantamento para a pesquisa sobre as representações do espaço de crianças ciganas foi efetuado na Escola Estadual Celso Mariz, localizada no bairro Jardim Sorrilândia, próximo as comunidades ciganas. A escola oferece ensino infantil, fundamental e médio. A escolha da escola não foi aleatória, pois através de informações prévias foi tomado conhecimento que lá estudavam várias crianças ciganas. Desta forma, as crianças poderiam ser reunidas em um espaço amplo e apropriável nas dependências da escola, para o levantamento dos dados necessários a pesquisa.



Foto 1.5: Entrada da escola Celso Mariz em Sousa-PB

Fonte: Simone Meneses, 2011.

Fizeram parte da pesquisa crianças ciganas, devidamente alfabetizadas e que sabiam desenhar, totalizando 45 crianças, sendo 26 meninas e 19 meninos, ou seja, 30% da população infantil cigana, que residem nos três ranchos. Com essa pesquisa obteve-se dados qualitativos que puderam ser quantificáveis.

Durante a pesquisa, foram passadas algumas horas com elas e algumas vezes foram ouvidas palavras diferentes entre as conversas, as quais, não se sabem os significados. Essas palavras são oriundas da sua língua caló utilizada para a comunicação entre os membros da comunidade cigana, por exemplo, júrom que significa pessoa não-cigana. No que diz respeito à educação, muitos ciganos já freqüentam escolas, situação diferente de antigamente quando eram nômades, e alguns inclusive possuem nível superior. Entretanto, essa parcela é ainda muito pequena, pois, muitos não freqüentam ou nunca freqüentaram uma sala de aula. Os motivos são vários, dentre esses, o preconceito.

Por isso, fala-se muito em uma “educação cigana”, ou seja, uma escola com professores capacitados para ensinar o essencial, como também, ajudar a promover sua cultura através do ensino da língua cigana e de seus costumes, uma escola específica para ciganos. Essa é uma boa proposta para a manifestação de sua cultura, entretanto, essa questão nos induz a pensar se isso poderia agravar ainda mais a segregação desta população em relação às demais pessoas da sociedade. Não seria essa mais uma forma de exclusão, quando na realidade o que se busca em pleno século XXI é uma inclusão social?

Após observar durante muito tempo todas essas peculiaridades, que fazem parte da cultura e do cotidiano cigano, pensou-se em trabalhar como tema de uma pesquisa a visão deles sobre esses mesmos aspectos, sob um prisma maior que é seu espaço de vivência. Decidiu-e focar as crianças, pois elas têm uma capacidade de ver tudo em sua volta com uma surpreendente riqueza de detalhes que refletem também a vida dos adultos e são a geração de ciganos mais jovens sedentarizados em Sousa.

3.3 Procedimentos de classificação e estatísticos

Foi solicitado para que as crianças desenharem “o *espaço em que vivem*” e cada desenho fosse justificado no verso, juntamente com o gênero de cada participante. Não foi solicitado que colocassem seus nomes porque isso talvez os deixasse inibidos para desenhar o

que queriam além de não ser necessário para a pesquisa e contra os princípios éticos. Foi comunicado também que não se preocupassem com suas habilidades para desenhar e sim procurassem representar tudo o vinha na mente quando se fala do seu espaço, com toda a riqueza de detalhes possíveis. Foi estipulado um tempo de 2hs e todos conseguiram terminar seus desenhos, demonstrando que compreenderam perfeitamente o tema.

A análise dos dados foi feita de maneira minuciosa, cada desenho foi analisado de forma individual, classificando primeiramente os seus elementos, por exemplo: casa, vegetação, presença humana, carros, fisionomia do relevo, etc. Em seguida verificando quais as temáticas que surgiram em cada desenho, a fim de obter uma melhor compreensão. As temáticas que surgiram espontaneamente através dos desenhos foram assim classificadas segundo os elementos naturais e humanos desenhados: I) Meu espaço é a natureza; II) Meu espaço é a minha casa; III) Meu espaço é moderno, representados pelo transportes e a tecnologia; IV) Meu espaço é constituído pelas infra-estruturas urbanas; V) Meu espaço de vida tem a presença humana; VI) outros. Todas as temáticas foram analisadas segundo o gênero dos participantes.

Para a análise, foi empregado o teste do qui-quadrado (χ^2), com nível de significância convencionado de $p=0,05$. Este teste apresenta-se como opção de preferência e menos sensível aos deslocamentos apresentados por baixa frequência (HUOUT, 2003 apud SCHWARZ, 2007, p.373). O tratamento estatístico dos dados foi feito por meio do programa SPSS para Windows.

4. CAPITULO IV: CONHECENDO AS REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO GEOGRÁFICO DAS CRIANÇAS CIGANAS ATRAVÉS DOS DESENHOS: RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Elementos representados

Em relação aos desenhos, os elementos que tiveram uma maior representação foram a casa (N=42), a árvore (N=35), o sol (N=28), após a contagem dos elementos (N=255). Os elementos abaixo de 6 representações foram classificados como outros elementos como o pássaro (N=4) e a água (N=2). A casa é o principal elemento representado isto pode significar a necessidade destas crianças de possuírem um lugar para morar. Um lugar que as proteja dos dias ensolarados e quentes típicos da região semi-árida. Também demonstradas nestas representações, com o sol o terceiro elemento representado.

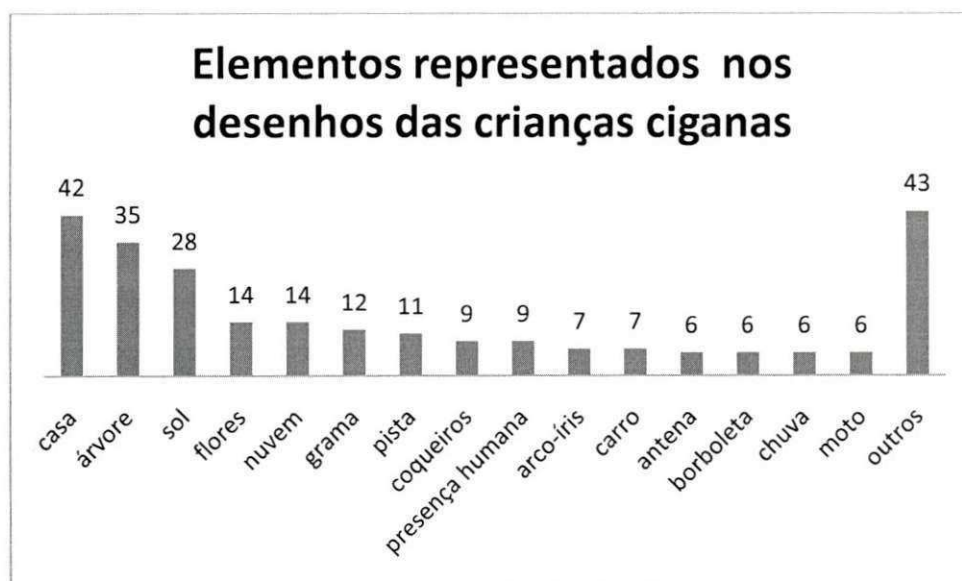


Gráfico 1.1: Os elementos representados.

A biodiversidade local também foi bem representada através das árvores (segundo elemento melhor representado e grama ou ervas (sexto elemento melhor representado). Isso revela a importância da vegetação na vida das crianças ciganas. Geralmente, como não possuem um espaço destinado ao lazer em suas comunidades as sombras das árvores lhes propiciam um ambiente agradável para a realização das brincadeiras ao ar livre. Esse contato com a natureza é muito importante para elas.

4.2 Elementos representados segundo o gênero

Quando os elementos representados foram classificados segundo o gênero, percebeu-se que não existem diferenças significativas estatisticamente ($p=0,05$ $f_t=11,1$, $f_o=10,3$ $dl=5$). Mesmo assim, foi visto que as meninas desenhavam uma quantidade maior de elementos (Gráfico 1.2).

Os desenhos delas são mais ricos em detalhes, ($N=157$ - 61,1%) elas desenhavam com maior importância a antena, o arco-íris, a casa, as flores, as nuvens, a presença humana e o sol. Foram elas também que desenharam todas as árvores e todos os pássaros. Eles, por sua vez, desenharam com maior importância as pistas, as motos, os carros e desenharam todos os postes ($N=98$ - 38,4%).

Nos trabalhos de Schwarz (2007), as meninas também citaram uma maior quantidade de elementos do que os meninos. Nota-se aqui, o grande interesse dos meninos por elementos tecnológicos e as meninas pelos elementos naturais. Os homens geralmente gostam e realizam atividades de concertos em objetos, em ajustes nos eletrodomésticos em casa. As mulheres gostam de ornamentar a casa, cuidar das plantas no jardim e a outras atividades ligadas ao ambiente natural.

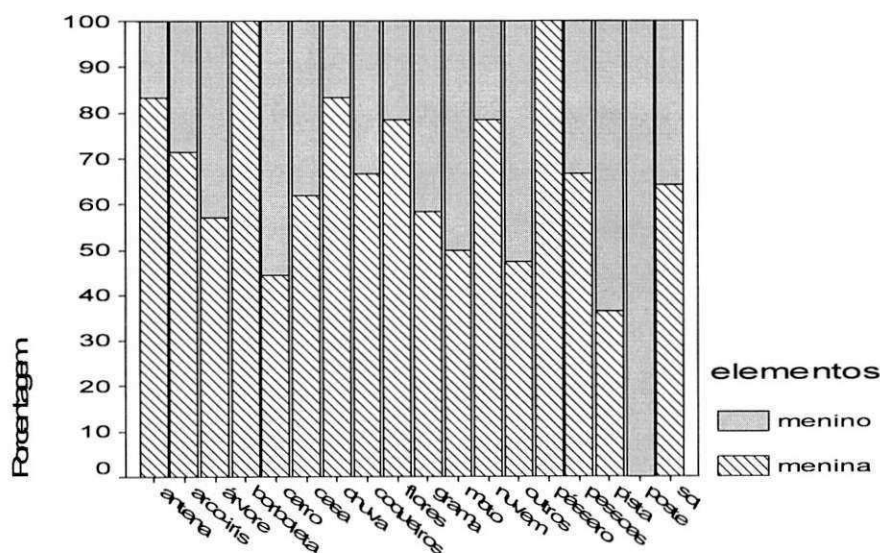


Gráfico 1.2: Elementos representados segundo o gênero

4.3 Elementos naturais e humanizados

Os elementos desenhados também foram classificados em naturais e humanizados. Os elementos naturais foram mais bem representados, revelando que as crianças possuem um maior contato com os elementos naturais do que com os elementos humanizados. Isso demonstra que a natureza é muito importante para as crianças ciganas.

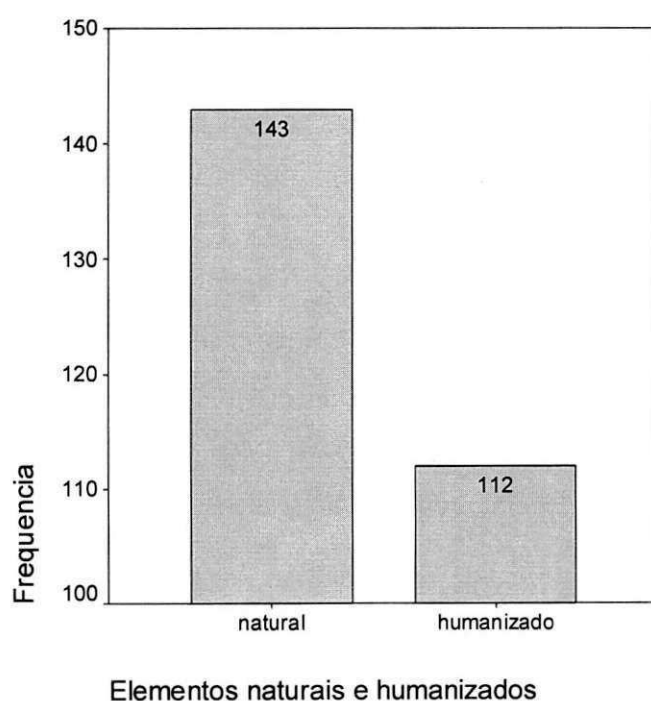


Gráfico 1.3: Elementos naturais e humanizados

4.4 Elementos naturais e humanizados segundo o gênero

Os testes estatísticos referentes aos desenhos que apresentam elementos naturais e humanizados e classificados segundo o gênero dos participantes verificaram diferenças significativas ($p=0,05$). Sendo o valor observado igual a 6,6 e o valor teórico igual a 3,84 com um grau de liberdade igual a 1. (Gráfico 1.4)

As meninas conseguiram representar com maior importância tanto os elementos humanos totalizando N=59, quanto os elementos naturais N=98, enquanto que, os meninos representaram os elementos humanos com um total de N=53 e os naturais N=45. O desenho 1.1 foi feito por uma menina e nos mostra os elementos naturais e humanos de forma harmoniosa.

O desenho apresenta muitas árvores frutíferas que com certeza proporcionam boas sombras e um alívio térmico para as casas próximas, como também veículos de transporte como o carro e uma moto, além de deixar evidente o problema de saneamento básico no espaço que habita com o esgoto a céu aberto sendo despejado próximo a árvore. O desenho 1.2 foi feita por um menino, nela poucos elementos naturais foram representados, apenas duas árvores e o sol, este por sua vez, revela-nos o calor que faz na cidade localizada no sertão paraibano. Em contraposição, visualiza-se muitos elementos humanos como casas, prédios, veículos de transporte. A baixa quantidade de elementos da natureza pode revelar o desmatamento realizado pelo homem para a expansão da cidade.

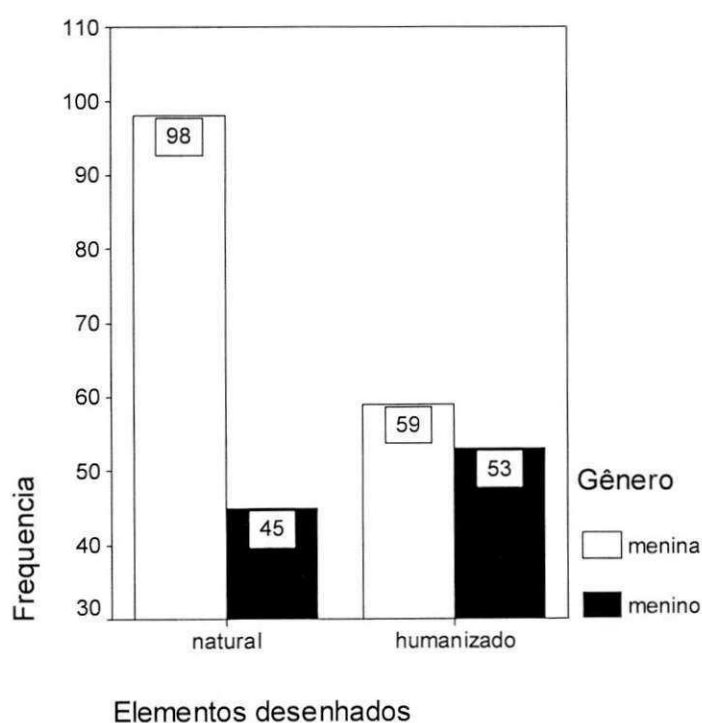


Gráfico 1.4: Elementos naturais e humanizados segundo o gênero

4.5 Temáticas representadas e as diferenças segundo o gênero

Os desenhos revelaram alguns temas principais que foram assim classificados (ver gráfico 1.5): I) Meu espaço é a natureza. (N=144); II) Meu espaço é a minha casa (N=42); III) Meu espaço é moderno, representados pelo transportes e a tecnologia (N=28); IV) Meu espaço é constituído pelas infra-estruturas urbanas (N=15); V) Meu espaço de vida tem a presença humana (N=13); VI) outros (N=17).

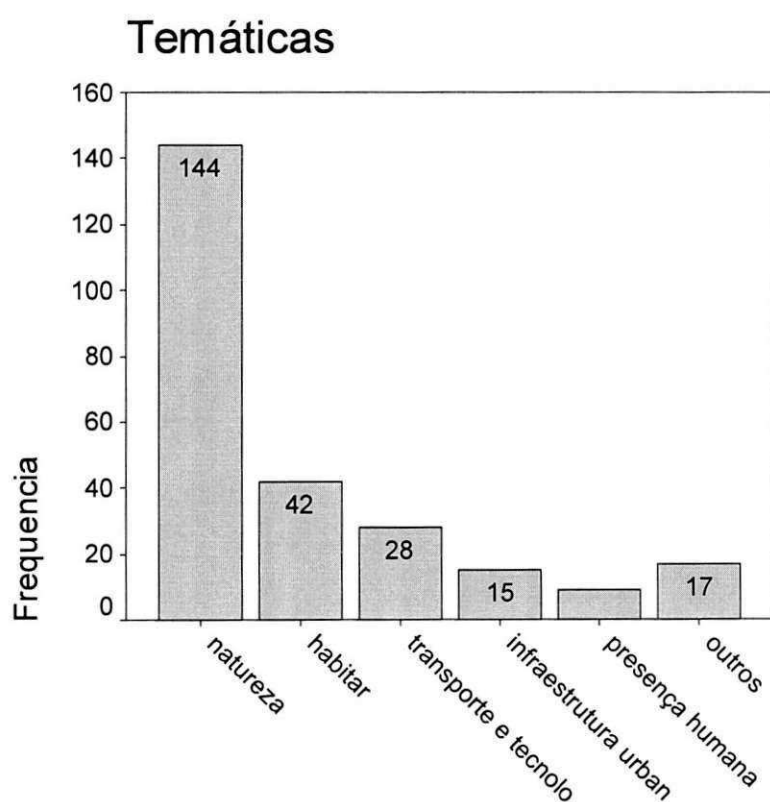


Gráfico 1.5: Temáticas que surgiram através dos desenhos

1-Meu espaço de vida é natural – Ao analisar os desenhos, a quantidade de elementos naturais chamou atenção. Os coqueiros, pássaros, flores, borboletas, entre outros, que em sua maioria não são perceptíveis no local, como por exemplo, o coqueiro, mas que de certa forma esta presente na mentalidade das crianças como um elemento imaginário, como um desejo de tê-lo no seu espaço ou como uma informação que identifica a cidade, já que Sousa é uma grande exportadora de cocos verdes. Por outro lado, as árvores presentes nas comunidades

ciganas, foi o segundo elemento mais desenhado por todos demonstrando sua importância no cotidiano infantil, em suas brincadeiras, em horas de lazer e descanso, pois, como salienta Jodolet (2002) os elementos naturais podem ser considerados como práticas cotidianas e do saber, baseadas na experiência de vida de cada um.

Outros elementos naturais bastante desenhados foram o sol e a nuvem. Estes fazem alusão ao calor, ao céu aberto e as altas temperaturas do sertão. Poucas crianças desenharam a chuva e as que desenharam justificaram no verso que era um bom tempo, isso pode explicar as raras chuvas que ocorrem no sertão e nesse contexto a chuva é vista como uma coisa muito boa, uma queda na temperatura e fartura para a agricultura.

Nesta perspectiva, a natureza presente nos desenhos destas crianças revela o contato que possuem com ela, através de atividades da vida cotidiana. Mas se pode ver que esta temática está mais bem representada nos desenhos das meninas. Isso pode revelar suas preferências e um maior contato delas com as paisagens naturais provenientes talvez das brincadeiras ao ar livre, do cultivo de plantas tanto para ornamentação da casa como para a alimentação diária.

2-Meu espaço é a minha casa – a casa é muito importante para as crianças (Desenhos 1.1, 1.2, 1.3, 1.4), pois ela é a segurança, o aconchego, a tranquilidade que esperam encontrar quando chegam da escola, dos passeios e viagens. A casa foi o um dos elementos mais desenhado por todos. Segundo Grubits (2003) a casa representa um elemento fundamental do ser, a pedra angular da personalidade. A casa é um elemento muito complexo de ser analisado, pois ela pode representar muitas coisas, lembranças da infância, a família, sonhos, etc. Algumas crianças, inclusive, desenharam todos os cômodos da sua casa, com móveis e ao desenhar cada parte falavam o que faziam em cada lugar, por exemplo: ao desenhar a sala de jantar com uma mesa e várias cadeiras, uma menina disse que era o lugar onde todos se reuniam para comer e conversar.

No entanto, tratando-se de crianças ciganas o desenho da casa confirma seu estado atual de sedentarização, no qual, ela tem muita importância, representando um teto fixo, uma segurança. Isso comprova que muitas de suas representações apesar de serem influenciadas pela família através dos relatos do tempo nômade e da educação, também são frutos de seus próprios conhecimentos e apreensões da realidade, na qual, os valores dos objetos se misturam com seus próprios valores.

Outro detalhe chamou atenção nos desenhos. A maioria dos participantes desenhou casas isoladas, quando na realidade eles moram em uma comunidade, na qual, as casas estão dispostas lado a lado. Para eles, o espaço em que vivem tem um significado que denota a individualidade da comunidade ou a sua própria individualidade. Isso revela-nos que essas crianças talvez não se socializem com seus vizinhos, a rua não tenha tanto significado, as brincadeiras com outras crianças não sejam tão presentes, assim como as conversas. Esse é mais um motivo de preocupação, pois se sabe que a interação com o meio e com as pessoas que nele habitam é interessante e faz parte de uma infância saudável, como também da cultura cigana.

3-Meu espaço de vida são os transportes e a tecnologia - a antena de TV desenhada no telhado das casas, representando o mundo moderno, da informação através dos meios de comunicação e a sua importância na atualidade é uma temática melhor representada pelos meninos (Desenhos 1.2 e 1.4) em razão da relação de dependência que estabelecem com os meios eletrônicos, seja para conversarem com os amigos, para passearem ou para assistirem ao jogo de futebol. Para muitos brasileiros, a televisão é mais importante que uma máquina de lavar roupas (LE TOURNEAU E DROULEURS, 2010).

Também se destacam nos desenhos os meios de transporte como o carro, a moto e o ônibus. Isso se explica porque a comunidade cigana, os três ranchos, fica as margens da BR 230, um pouco distante do perímetro urbano de Sousa e a grande maioria possui carro ou moto para se deslocar até a sede da cidade. Os ônibus, por sua vez, os auxiliam na ida para a escola. Os meios de transporte nesse caso são indispensáveis.

4-Meu espaço são as infra-estruturas urbanas - A cidade com todas suas características e elementos revela-se como uma das principais visões do espaço geográfico das crianças ciganas, sendo bem representada pelos meninos e meninas. Isso significa que os aspectos urbanos estão presentes e são perceptíveis no cotidiano dessas crianças. Tal característica vem corroborar para a identificação e consolidação, mais uma vez, do seu atual modo de vida, o de sedentarizadas.

Nesta perspectiva, algumas foram muito fiéis a realidade desenhando elementos da infra-estrutura urbana como a BR 230 que se visualiza muito bem da comunidade cigana, a Colônia Penal Agrícola, o posto de combustível, os esgotos a céu aberto e banheiros fora de algumas casas. Esses dois últimos elementos revelam o olhar de pequenos cidadãos, como

moradores do espaço urbano, para o problema da falta de saneamento básico no local, decorrente de falhas nas políticas públicas. (Desenhos 1.1 e 1.2)

5-Meu espaço de vida tem a presença humana- Para algumas crianças a presença humana se apresenta como elemento integrante e completar do seu espaço. Na (desenho 1.4) desenhada por uma menina, pessoas trabalham, conversam e crianças brincam, deixando transparecer momentos de socialização e de amizade entre os membros da comunidade cigana.

Nesta perspectiva, a presença humana em suas representações denota que seu espaço é o da socialização, da interação entre os membros da sua comunidade, com uma mediação entre os fatores sócio-culturais e pessoais que coexistem no mesmo espaço.

Desta forma, para alguns meninos e meninas, o espaço no qual vivem adquirem o significado da coletividade, no qual, aspectos referentes à comunidade são mais evidenciados e merecem uma maior atenção.

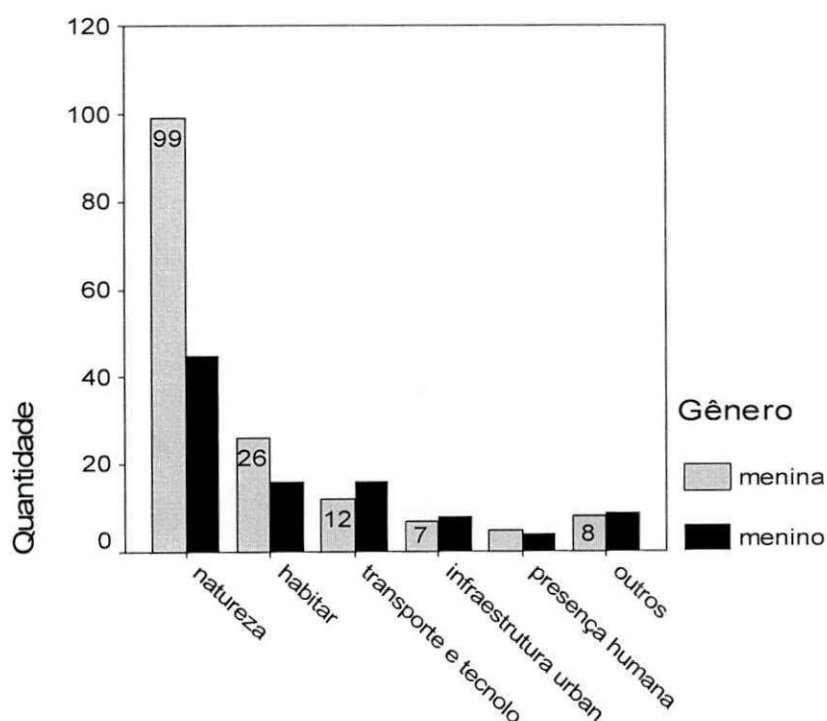
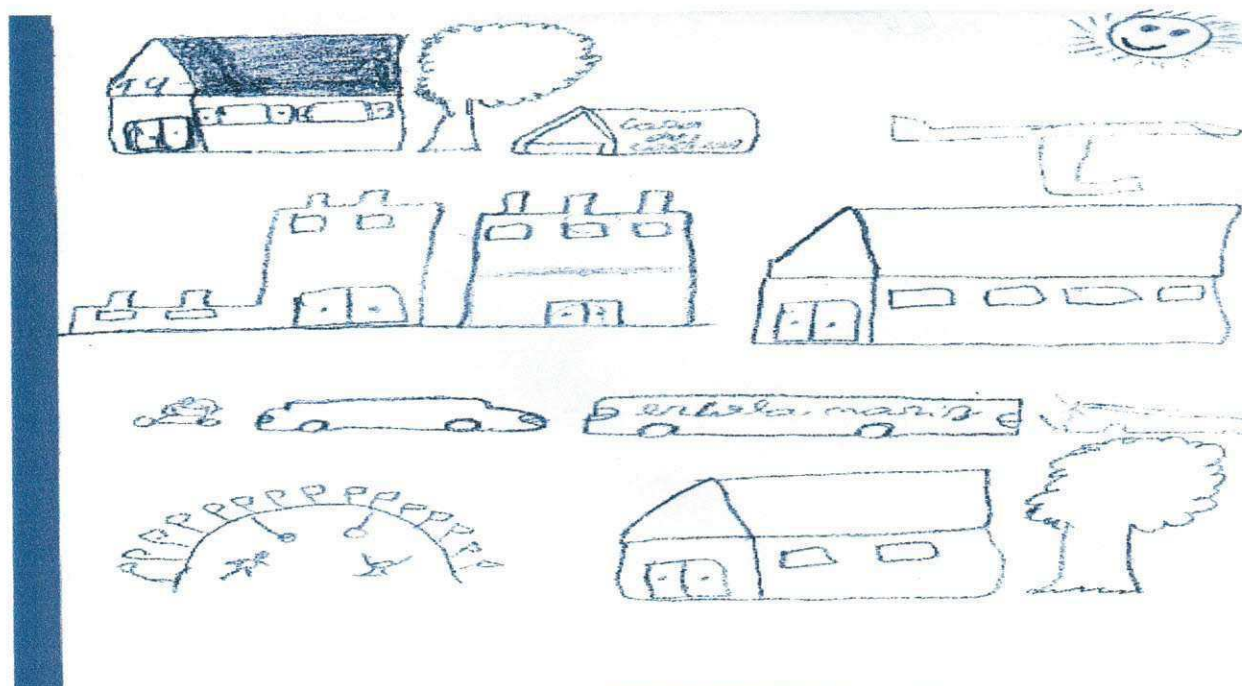


Gráfico 1. 6: As temáticas representadas segundo o gênero



Desenho 1.1: Apresenta elementos naturais e humanos em harmonia (Menina)



Desenho 1.2: Apresenta mais elementos humanos. (Menino)



Desenho 1.3: Espaço que representa a individualidade. (menina)



Desenho 1.4: Espaço que representa a coletividade. (menina)

As representações do espaço geográfico das crianças ciganas apontam as mais diversas visões sobre seus espaços de vida e os valores que interferem diretamente nessas representações, influenciando no significado que o mesmo tem para os meninos e meninas.

Com o auxílio do desenho elas conseguiram expressar com detalhes como vêm e percebem seu espaço, além de apresentarem algumas particularidades da vida adulta e da organização espacial da comunidade cigana.

No entanto, as meninas apresentaram uma maior facilidade de expressão através do desenho. Elas conseguiram desenhar uma maior quantidade de elementos, tanto naturais quanto humanos, a mais que os meninos. Entretanto, eles mostraram um traçado mais firme e uma preocupação maior em representar fielmente a realidade do seu espaço, tanto no desenho quanto na justificativa, por exemplo, um menino justificou seu desenho escrevendo: “sabe por que eu desenhei isso, porque Sousa é uma cidade pequena e tem casa que são de barro”. Embora vivam no mesmo espaço muitos conseguem visualizar detalhes, possuindo uma visão diferenciada.

Nessa perspectiva, percebe-se que os desenhos são resultados de atividades sensório-motores e do conhecimento da realidade que são desenvolvidas ao longo do tempo ou da idade como afirma Piaget (1966).

Muitos desenharam um espaço com elementos naturais e humanos ao mesmo tempo, com árvores, flores, pessoas trabalhando, carros, motos, etc. Isso demonstra que muitos apreenderam seu espaço como um resultado das interações entre a natureza e a sociedade. Por sua vez, nenhuma criança desenhou algo que nos lembra-se que eram crianças ciganas, algo próprio de sua cultura, como as roupas típicas das senhoras, a dança, etc. Esse é um motivo de preocupação, pois revela que a nova geração de ciganos não está culturalmente envolvida com seus laços sanguíneos e provavelmente a cultura cigana será esquecida ou não será repassada para as gerações futuras.

Até agora nenhum trabalho envolvendo crianças ciganas e sua representação do espaço, com a utilização de desenhos foi realizado. Essa pesquisa, por sua vez, contribui para conhecer como crianças ciganas vêm e representam seu espaço, quais suas percepções, valores e fatores determinantes nessa representação antes mental, agora gráfica.

Não se pode deixar de ressaltar a importância da justificativa no verso de cada desenho, pois elas foram imprescindíveis para compreender os significados e valores expressos. Por exemplo, uma justificativa diz assim: “Eu desenhei isso porque recordei muito dos momentos bons” (menina). Ela desenhou a casa que ela morava há tempos atrás e se mudara para outra, a qual não gosta, por motivos de brigas com vizinhos. Na comunidade existem desavenças entre chefes ciganos e, por conseguinte entre as pessoas que moram nos grupos comandados por eles.

Em suma, as crianças transmitiram para o papel de maneira espontânea tudo que vinha em suas mentes em relação ao espaço que vivem, como foi lhes pedido. Como salienta Schwarz (2007, p.384) “eles demonstraram, além da capacidade de desenhar, seu conhecimento e sua percepção visual, necessário ao desenvolvimento das representações.” Isso com certeza foi essencial para a concretização da pesquisa.

Diante do exposto se pode afirmar que o desenho constitui uma importante ferramenta de análise. Através do desenho pode-se conhecer e avaliar melhor o foco da pesquisa, que nesse caso é o espaço das crianças ciganas, com uma análise detalhada dos seus elementos que não podem ser avaliados de forma isolada, mas sim levando em consideração sua interligação com os demais elementos, assim como, o contexto real dos participantes.

Considerações finais

A maioria das crianças desenhou com afeição o espaço onde vivem. Alguns desenharam elementos imaginários e alguns elementos reais não foram representados. No entanto, todos demonstraram que possuíam uma percepção do seu espaço, conseguindo inclusive, representá-lo através do desenho.

Com base nos elementos dos desenhos se pode visualizar as diferentes representações do espaço vivido das crianças ciganas, nas quais, várias temáticas foram destacadas através da importância relegada a certos elementos como a casa, aos aspectos naturais, as tecnologias e transportes, a presença humana e a infra-estrutura urbana.

Dentre essas temáticas cabe ressaltar que os elementos naturais se sobressaíram aos elementos humanos em relação aos gêneros. Para muitos a natureza possui uma inestimável importância, principalmente para as meninas que desenharam mais elementos naturais do que humanos. Os meninos, por sua vez, deram maior importância aos elementos humanos do que aos naturais. Também no que se referem ao gênero, as meninas foram mais espontâneas e detalhistas em relação aos meninos.

Também foi observado que a vida na cidade, com todos seus aparatos de transporte e tecnologia, influenciaram bastante na representação e significado do espaço das crianças ciganas. Muitos preferem assistir televisão ou passear de moto, carro ao invés de participarem de brincadeiras com as outras crianças da comunidade ou escutar sobre sua cultura. As práticas sociais quando se fala no significado coletivo do espaço, ou a sua falta em referência ao significado individual, além de seus valores pessoais, influenciaram mais nas representações do que a própria cultura cigana e os valores dos seus ancestrais.

As crianças ciganas demonstraram que a nova geração está totalmente inserida no contexto de uma vida sedentarizada, mas em relação à interação com a sociedade ou até mesmo com pessoas da sua comunidade ainda estão isoladas. Sem a interação social sua cultura não será promovida e repassada para as novas gerações, isso inclusive, está explícito em seus desenhos, porque em nenhum momento algo de sua cultura foi representado, sendo

descartada uma das hipóteses levantadas no início desta pesquisa, na qual, achava-se que a cultura cigana seria um dos valores que influenciariam nas representações deste espaço. A introspecção das crianças também é algo preocupante, talvez isso tenha relação com a discriminação que muitos sofrem na escola, nas ruas, causando dessa forma o isolamento.

Por conseguinte, as crianças ciganas demonstraram através das representações com desenhos que vêem seu espaço mediante seus próprios valores adquiridos em uma vida fixa na cidade, na qual, aspectos urbanos e naturais se sobressaem aos aspectos de sua cultura difundida a milênios de história. O espaço adquire significados divergentes para muitos. Nele estão refletidas a individualidade e coletividade provenientes do cotidiano das crianças ciganas, meninas e meninos, que por sua vez, denotam também a vida dos adultos nesse espaço. A presente pesquisa também contribuiu para revelar um fator preocupante, a evidente perda cultural da nova geração cigana, sendo necessárias intervenções urgentes para reverter esse processo que talvez seja explícito também nos adolescentes ciganos, sendo este um motivo para novas pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDRE, M. **Representação social: uma genealogia do conceito comum**. 2004. Disponível em: < www.googleacademico.com.br>. Acesso em 25 ago. 2011.
- BAILLY, A. **Distances et espaces:vingt ans de géographie dès représentations**. L'espace géographique, vol.3, p.197-205; 1985.
- BARROS, Carlos Juliano. **Uma vila cigana no sertão paraibano**. 1992. Disponível em: <<http://www.etniacigana.blogspot.com>>. Acesso em 19 out. 2011.
- BONOMO, M. **Identidade, representação sócia e ciganidade: gênero e etnia entre ciganos Calon no Espírito Santo**. 1.ed. Espírito Santo: UFES, 2007.
- BORDIEU, P. **O poder simbólico**. 6. ed. São Paulo:Bertrand Brasil. 2003
- BORTOLINI, Juliana. **Como a cultura é vista pelas novas gerações**. 2005. Disponível em: < <http://www.etniacigana.blogspot.com>>. Acesso em 20 abr. 2011.
- CORREA, Roberto Lobato. **Introdução a geografia cultural**. Roberto Lobato Corrêa, Zeny Rosendahl (org.)-Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 224p. 2003.
- COUTO, Marcos Antônio Campos. **Pensar por conceitos geográficos**. In: CASTELLAR, Sônia. Educação geográfica-teorias e práticas docentes. São Paulo: Contexto, p.79-96, 2006.
- DERBARBIEUX, B. **Les problématiques de l'image ET de La representation em géographie**. In Bailly (org.). Les concepts da La géographbie humana. Paris: A.Colin,1998.
- DERDYK, Edith. **A representação da figura humana no desenho infantil**. 1.ed. São Paulo: Scipione, 1990.
- FAZITO, D. **A identificação cigana e o efeito de "nomeação": deslocamentos das representações numa teia de discursos mitológicos científicos e práticas sociais**. 1.ed. Minas Gerais: UFMG, 2008.
- FILHA, Doralice Duque Sobral. **A arte de representar**. 1. ed. Pernambuco: UFPE, 2008.
- GEERTZ, C. **The interpretation of cultures**. 1. ed. Nova Iorque: Basic Books, 1973.
- GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. **O "tempo de Atrás": um estudo da construção da identidade cigana em Sousa-PB**. 1. ed. João Pessoa: UFPB, 2004.
- GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de monografia, dissertação e tese**. 2.ed. rev. e atualizada. São Paulo: Avercamp, 2008.
- GRUBITS, Sonia. **A casa: cultura e sociedade na expressão do desenho infantil**. 2003. Disponível em: < www.googleacademico.com.br>. Acesso em 19 nov. 2011.

GUMUCHIAN, H. **Représenter l' espace. L'imaginaire spacial a l'école.** In Y.André et at.Paris:Anthropos,1989.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010).** IBGE cidades. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidades>>. Acesso em 09 agos. 2011.

JODOLET, D. **Representações sociais:um domínio em expansão.**In jodolet(org.)As representações sociais. Rio de Janeiro: EDUERJ, p.17-44, 2002.

KUHNEM, A. **Lagoa da Conceição: meio ambiente e modos de vida em transformação.** 2 ed. Florianópolis: Cidade futura, 2002.

LE TOURNEAU .F.-M. E DROULERS, M. **L'Amazonie brésilienne et le développement durable.** Paris : MapMonde, 480 p. 2011

LIÉGEOS, J.P. **Los gitanos.** 1 ed. México: Fundo de Cultura Econômica, 1988.

LUQUET, G.H. **Le dessin enfantin.**Lonay:Delachaux & Niestlé,1984.

Mapa da Paraíba de 2010. Disponível em: <<http://www.hjobrasil.com>>. Acesso em 20 out. 2011.

MENDES, Maria Manuela. **“Representações sociais face a práticas de discriminação:ciganos e imigrantes russos e ucranianos na AML”.** 1. ed. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2008.

MOONEM, Frans. **Anticiganismo: Os ciganos na Europa e no Brasil.** 3. ed. Juiz de Fora: Centro de Cultura Cigana, 2008.

_____. **Ciganos calon no sertão da Paraíba.** Brasil-João Pessoa: PR/PB (2a, Ed. Cadernos de Ciências Sociais 32, João Pessoa: MCS/UFPB, 1993).

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador.** 8 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

NILSON, Enrico. **Hungria vive uma escala de ódio contra os ciganos.** Revista do Brasil, Rio de Janeiro, 16 mar. 2009. Disponível em: <<http://www.etniacigana.blogspot.com>>. Acesso em 10 set. 2011.

PIAGET, J. **La psychologie de l'enfant.**Paris:Presses Universitaires de France,1966.

PIASERE,L. & PAMPIGOTO,A.(1990).**From Margutte to cingar:the Archeology of on image,in Salo,M.(ed),100 years of Gypsy Studieis,Maryland,Gypsy Lore Society,North American Chapter.**

PIERONI, G. **“Detestáveis na metrópole e receados na colônia”.** Varia História, Belo Horizonte, v. 8, n.12, p.144-27, 1989.

RODRIGUES, Cintya Maria Costa. **Reconhecimento, alteridade e identidade: os ciganos e a política cultural brasileira**. 2. ed. Goiás:UFG, 2009.

ROKEACH, M. **The nature of human values**. Nova Iorque:Fre Press, 1973.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 3.ed. São Paulo: Ucitec, 1999. 384p.

SCHWARZ, M.L. **As representações de crianças e adolescentes da biodiversidade de Mata Atlântica na região de Joinville (Santa Catarina-Brasil)**. 1.ed. Montreal: Faculté des arts et sciences, 2007.

SERPA, Ângelo. **Percepção e fenomenologia: em busca de um método humanístico para estudos e intervenções do/no lugar**. OLAM Ciência e Tecnologia, Rio Claro, v.1, n.2, p.29-61, 2001.

SILVA, Lailson Ferreira da. **A Identificação dos ciganos da cidade Alta: Uma reflexão a partir de referenciais étnicos**. 1. ed. Caxambu: UFMG, 2009.

TEIXEIRA, R. **Correrias de ciganos pelo território mineiro (1908-1903)**. 1. ed. Minas Gerais:UFMG, 1998.

VENDRAMINI, Renata. **Ciganos um milênio de história**. Jornal de Uberaba, Uberaba, 16 abr. 2009. Disponível em: <<http://www.etniacigana.blogspot.com>>. Acesso em 10 set. 2011.

VIANA, Natalia. **A margem da margem**. Revista do Brasil, Rio de Janeiro. 24 jul. 2009. Disponível em: <<http://www.etniacigana.blogspot.com>>. Acesso em 10 set. 2011.

Anexo


7.1 Anexo A

Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Formação de Professores

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

A presente pesquisa objetiva conhecer a representação do espaço vivido, por meio de desenhos, de crianças ciganas da cidade de Sousa-PB. Assim solicitamos a permissão do responsável por essa Instituição de Ensino, garantindo que as atividades realizadas respeitarão todos os princípios éticos preconizados para o trabalho com crianças. Requeremos sua autorização para que essa atividade possa ser registrada por meio de fotografias, como também, para apresentação dos resultados deste estudo no TCC, em eventos científicos e publicação em revista científica. Asseguramos a confidencialidade dessa pesquisa com as crianças, uma vez que não estamos interessados em diagnosticar opiniões individuais, mas sim verificar como, de forma geral, as crianças pensam e representam a questão trabalhada. Desde já agradecemos sua autorização.

Eu, representante dessa Instituição de Ensino declaro que fui devidamente esclarecido sobre as condições da pesquisa e dou meu consentimento para a participação das crianças na mesma, bem como para a publicação futura dos resultados.


MARIAPARECIDA
DIRETORA
MAT. 373.129-6

Sousa/PB, 07 de Setembro de 2011.